

Fortaleza, 12 de Junho de 1932.

Meu caro e grande amigo

A resposta a sua bella captivante epistola de 21 de Janeiro,

CS - Magalhães e Goretti

Fortaleza, 12 de Junho de 1932.

Meu caro e grande amigo

A resposta a sua bella e captivante epistola de 21 de Janeiro, vai demorada por motivos extranhos á minha vontade. Aliás ella me chegou ás mãos com grande atrazo, pois, da data de 23 de Janeiro, só em fins de Abril aqui chegou. Depois, tendo que escrever sobre o esplendido estudo biographico que lhe consagrou o Sr. G. Alpi, eu então a bracos com uma crise moral que me esterilizava de todo, afinal perpetei o artigo junto que se extraviou na redacção do jornal ao qual o enviei, o que me valeu sérios aborrecimentos.

Dos dois numeros do " Correio do Ceará " aqui juntos, um dos quaes destinados ao Sr. Alpi, verá o que pude escrever e que está longe de dizer o que era preciso dizer sobre o justo e notavel trabalho do seu illustre biographo e amigo. Emfim, aceite christãmente a minha pedrinha para o edificio de sua gloria, uma das mais puras e das mais legitimas do mundo social e mental do Brasil.

Dentro desta vai uma noticia dada pelo " Nordeste," orgão catholico d' aqui, sobre o livro, a unica que foi escripta dentre as pessoas pelas quaes o distribui. É feita pelo Dr. Andrade Furtado, director do referido jornal. Envio tambem um pequeno retrato meu, reprodução de uma chapa que me obrigaram a tirar para um cliché.

E agora passo a responder sua carta.

Minha vida aqui é a de um homem doente ha longos annos, vivendo pobremente, e ultimamente aposentado como funcionario de fazenda, visto que o meu estado de saúde não me permittia desempenhar mais as funcções de meu cargo no Thezouro Nacional. Ha muito estou em estado de esterilidade quasi completa, e vivo o mais possivel alheio ao meio social e intellectual desta pequena cidade. Nem sequer compareço ás sessoões da Academia Cearense de Lettras, para a qual me ele-

geram presidente.

Tenho quatro ou cinco livros a editar, verso e prosa, e um romance no estaleiro ha muitos annos, sem estimulo nem saúde para o terminar. Pretendia editar estes livros no Rio, e estava de viagem formada para lá, mas uma cunhada minha, doente ha tempos, tem peorado muito, e minha mulher não tem animo de deixal-a nesse estado, sendo sua enfermeira.

E aqui estou preso a esta terra infeliz actualmente devastada por mais uma secca, morrendo de tédio e de saudades do nosso Rio, para onde me chamam frequentemente os meus amigos e meus interesses.

Mas já falei bastante de mim, e agora passo aos topicos de sua carta, que eu tomei a liberdade de mostrar a algumas pessoas intimas.

Suas considerações sobre a situação actual do mundo civilizado são tão profundas de pensamentos como bellas de formas.

Antigamente eu tinha pesar de ter nascido tão cedo num mundo que se transforma cada dia e offerece-nos uma nova maravilha do engenho humano. Hoje, eu estou satisfeito com o que já vivi e mais infeliz por não ter que assistir ao desfecho da tragédia universal, que teve o primeiro acto em Moscou.

E estou satisfeito tambem por não deixar atraz de mim filhos que tenham de viver no meio das convulsões sociaes que vão abalar o mundo até que elle encontre a forma apropriada ás idéas actualmente em ebulição insopitavel.

O fascismo italiano é apenas um tampão que um braço forte applica a uma ruptura que afinal hade dar escapamento á pressão que a produziu, é isso talvez ainda se verifique em vida do Duce, ou por morte violenta deste.

Em nossa terra só a religião catholica poderia nos obrigar durante algum tempo da corrente ameaçadora; mas a religião no povo é apenas um habito que a tradição lhe impoz e a que elle obédece inconscientemente. Qualquer cousa nova o desvia desse habito: a propaganda de outra religião encontra facilmente proselytos. Assim o Brasil inteiro está cheio de espiritas, protestantes e ultimamen-

te de theosophistas. O temor de Deus já não domina mais os espiritos, e nenhum homem do povo deixa de matar, roubar ou deshonrar com medo do inferno.

Pode-se crer na religião de um povo onde existem individuos como um que ultimamente aqui roubou uma igreja, arrombando o sacrario, espalhando hostias consagradas pelo chão e pisando em cima dellas?

Aliás, penso que em tempo algum da historia a religião resolveu qualquer crise social. Quando não dominava a sociedade, ella soffria as mesmas provações que a comunidade leiga, quando o espirito de revolta sacudia as instituições. A religião pode salvar a alma de cada individuo com relação ao céu, mas não salva a humanidade contra as idéas funestas que as devastam.

Nosso paiz está minado pelo communismo, e no dia do choque, veremos, como na Espanha o povo catholico sair para a rua a queimar conventos e a escorraçar frades e freiras.

soffrimento universal do povoé tremendo e não encontra remedio dentro das normas da democracia capitalista.

Os ricos, os aristocratas, emfim os que serram de cima na vida, não se dispõem, goso egoista de seu conforto, a fazer um gesto de fraternidade humana. Continuamos a viver uns como senhores outros como escravos, exactamente como nos tempos mais barbaros da historia.

Eu já disse numa quadrinha:

Com a dor ninguem se acostuma

De ser feliz ninguem cansa.

Os eternos sofredores sonham neste momento com a sua desforra, e esse sonho penetra, embora confusamente, nos cérebros mais ermos de pensamento na alma rude e tosca de nossos caboclos.

Mas enquanto o dedo de Moskou não escreve o Mane Techel Phares na parede da sala do festim, vivamos sinão na farra de Balthazar, ao menos no doce

engano de nossas occupaões intellectuaes, fazendo versos e escrevendo romances, cegos para as nuvens negras que se avolumam no horizonte e surdos aos rumores subterraneos precursores do terremoto.

E talvez para esquecer esses preságios que os detentores do poder se distraem troncandoplatonicas idéas de paz em Genebra, enquanto os mais videntes lobrigam os syntomas precursores de uma nova guerra.

Estou velho e doente, e assim tenho algumas probabilidades de não ver o começo da tragédia. Portanto - après moi le déluge.

xxx

Deixei a penna correr e dei a esta carta um tom de artigo de jornal de opposição.

Perdõe esta estirada com que tão mal respondo aos profundos e veridicos conceitos de sua carta.

No meio do tédio e da tristeza em que vivo, sua fiel e honrosa amizade é um dos meus melhores consolos, e o facto de a merecer me traz a doce convicção de que minha vida não tem sido de todo inutil.

Queira sempre a este que muito o estima e admira